

Narciso em férias

CAETANO VELOSO

Narciso em férias



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2020 by Caetano Veloso

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Claudia Warrak

Imagens de capa e miolo

Arquivo Nacional/ Fundo Conselho de Segurança Nacional/
BR DFANBSB N8.0.PRO.CSS.0313

Pesquisa iconográfica

Lucas Pedretti Lima

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Angela das Neves

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veloso, Caetano

Narciso em férias / Caetano Veloso. — 1ª ed. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2020.

ISBN 978-85-359-3225-6

1. Compositores – Brasil – Biografia 2. Ditadura – Brasil
3. Experiências de vida 4. Memórias 5. Tropicalismo
(Música) – Brasil 6. Veloso, Caetano, 1942 – I. Título.

19-24870

CDD-780.9281

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Compositores : Histórias de vida 780.9281

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

À memória de meu pai, José Telles Velloso

*À memória de minha amiga
Maria Esther Stockler*

A minha irmã Irene

Sumário

APRESENTAÇÃO, 9

NARCISO EM FÉRIAS, 15

ARQUIVO, 137

Apresentação

Quando penso no número de pessoas que morreram em prisões brasileiras a partir de 68 (e que foi pequeno se comparado ao número de vítimas argentinas ou chilenas da década seguinte); quando penso nos que sofreram tortura física, ou nos que foram expulsos do país em 64 e só puderam voltar na anistia em 79, concluo que minha prisão de dois meses foi um episódio que nem sequer mereceria referência. Muitos dos que sofreram maiores maus-tratos — ou que foram presos mais vezes e por mais tempo — passam rápido pelo assunto, muitas vezes em tom de descaso. [...] As muitas páginas que aqui dediquei ao episódio da prisão se explicam por ser este um livro sobre a experiência

tropicalista vista de um ângulo muito pessoal meu. E se justificam por revelar o quanto eu era psicológica e, sobretudo, politicamente imaturo.

O trecho acima abre o capítulo que se segue, no livro *Verdade tropical*, ao que leva o título “Narciso em férias”, que aqui ressurgiu, separado, na forma de livro autônomo. Introduzi-lo com essas ressalvas parece-me adequado e mesmo necessário, uma vez que, apesar de esse ser o capítulo dentre os daquela longa história da passagem do tropicalismo por mim e minha por ele que me parece mais satisfatório do ponto de vista literário, a importância dada aos fatos narrados é mesmo — e ainda hoje parece — desproporcional. Não quero absolutamente ratificar as palavras duras e erradas do jornalista Pedro Alexandre Sanches, que sugeriu ser minha exposição do sofrimento sob a ditadura uma jogada de autopropaganda. Nem mesmo corroborar o raciocínio que levou o crítico literário Roberto Schwarz a fazer a pertinente (ainda que tendenciosa) pergunta: por que surpreender-se com a resposta violenta da

repressão quando foram feitas tantas e tão gritantes provocações? O então jovem jornalista mostrava ressentimento. Talvez ele sinceramente considerasse imerecido o prestígio de que desfrutamos, por não ver tanto valor artístico no que fazemos, o que é de seu direito. Nada justifica a desconfiança moral que sua sugestão indica. Quanto a Schwarz, sempre me pareceu que sua eleição da suspicácia frankfurtiana de Adorno nunca se harmonizaria bem com o respeito intelectual que meu livro, surpreendentemente, mereceu a seus próprios olhos. É curioso que o estilo da prosa o entusiasme quando narro eventos de minha primeira juventude, período em que eu, sem suficiente capacidade crítica, aderiria à onda de esquerda dominante em meu meio, e deixe de poder encantá-lo à medida que tal capacidade cresce — o que culmina em negar o valor do capítulo que ora vira livro, em exato desacordo com minha própria apreciação. Não. Ao abrir esta apresentação com o parágrafo que comenta, com exigência psicológica e política, o texto que vem a seguir, não confirmo o que disseram ou insinuaram o pequeno jornalista e o grande crítico. Ao contrário,

refuto ambos ao relembrar que o texto que agora eu mesmo convenci os editores a publicarem em separata, eu o publiquei juntamente com a observação de que não me iludia quanto à sua força denunciadora ou seu poder combativo. Não que o considere nulo quanto a esses aspectos: a minuciosa narração que revela o caos organizacional e legal da ditadura; a descoberta, por experiência física e emocional, e não por leitura de dados estatísticos, de traços fundos deixados em nossa sociedade pela escravidão; a decifração de mecanismos psicológicos complexos a que acedi a partir do encarceramento, são conteúdos que justificam, a meu ver, a publicação desse texto como um trabalho enriquecedor do acervo crítico do leitor brasileiro. Ele é também uma construção literária em que encontro razões para satisfação estética. Sobretudo, parece-me que este, que é meu escrito a que atribuo maior valor, entra na cena atual da vida política brasileira de modo abrasivo. Que toda ou todo jovem que sabe ler possa tê-lo nas mãos é algo que salva o fato de minha existência pessoal ter se tornado um assunto público.

Narciso em férias

O dia já estava nascendo e eu ainda não tinha conseguido dormir quando os agentes da Polícia Federal chegaram para me prender. O som da campainha em hora tão inesperada provocou maior irritação do que surpresa. Eu estava sob as cobertas e justamente ingressava num estado em que a entrega ao repouso parecia começar a se tornar possível; em que projetos entusiasmantes, medos inexplicáveis, alegrias inoportunas — e a costumeira inveja de Dedé que, como sempre, adormecera tão facilmente ao meu lado — começavam a se dissolver na doce aceitação do esquecimento de tudo, disfarçada em atenção concentrada numa imagem ilusoriamente nítida, numa lembrança enganosamente